

O funcionamento linguístico-discursivo da fala da criança psicótica¹

(The linguistic-discursive functioning of the psychotic child's speech)

Cirlana Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Centro de Atenção Psicossocial da Infância e da Adolescência/Prefeitura Municipal de Uberlândia (CAPSI - PMU)

cirlanarodrigues@yahoo.com.br

Abstract: This paper aims at investigating the linguistic-discursive behaviour of the psychotic child's speech. The approach is guided by the relationship between Psychoanalysis and Linguistics in order to enable structural exits to the subjective position of that child. It starts from the relationship between language and the recognition of the subject because we understand this relationship as an alternative to the question of psychodiagnosis. We hold the speech of the psychotic child and its implications on the linguistic studies and we present fragments of speech of a child based in their linguistic regularities.

Keywords: speech; child; psychosis; Psychoanalysis; Linguistics.

Resumo: Propomo-nos investigar o funcionamento linguístico-discursivo da fala da criança psicótica norteados pela relação entre a Psicanálise e Linguística com o objetivo de possibilitar-lhe saídas estruturais à sua posição subjetiva. Partimos da relação entre linguagem e reconhecimento do sujeito como alternativa à questão do psicodiagnóstico; sustentamos a fala da criança psicótica e suas implicações nos Estudos Linguísticos; e abordamos fragmentos de fala de uma criança a partir de suas regularidades linguísticas.

Palavras-chaves: fala; criança; psicose; Psicanálise; Linguística.

Introdução

(01) *Anderson:*² *A Bianca tem medo da policia? A Bianca tem medo de mim? A Bianca tem medo de você? A Bianca tem medo do tijolo? A Bianca tem medo do homem?*

O que fazer diante de uma cadeia de associações de frases interrogativas que não demandam respostas óbvias? Escutar essas interrogações. Escuta que é acolher um sofrimento e responder à angústia que nos advém da criança e de sua fala.

Os Estudos em Linguística contemplam, entre outros aspectos, a estrutura, constituição e funcionamento da língua e, de forma mais específica, a relação desses aspectos com a constituição do sujeito. Relação essa sustentada pela psicanálise freudolacaniana e os estudos sobre a linguagem e o inconsciente: o inconsciente como sistema de funcionamento psíquico tem um funcionamento de língua e o *não-saber*, condição desse inconsciente, tem implicações sobre esse mesmo funcionamento de língua.

¹ Neste texto, ainda mantemos a expressão “criança psicótica”. No entanto, em trabalhos posteriores consideramos a expressão “criança em psicotização” em referência a um processo de constituição psíquica, a um movimento estrutural do sujeito.

² Nomeação feita pela autora. Não corresponde ao verdadeiro nome da criança.

Nessa perspectiva, propomos investigar o funcionamento linguístico-discursivo da fala da criança psicótica no campo das denominadas *psicoses não autísticas* da segunda infância (acima de cinco anos até por volta dos doze anos). Nossa investigação será norteadada pela relação entre Psicanálise e Linguística, anteriormente abordada.

1 A psicose na infância e seu psicodiagnóstico naquilo que uma fala nos ajuda

A referência ao termo *psicose infantil não autística* aborda quadros clínicos (psicoses e esquizofrenias) cuja sintomatologia clínica elementar,³ de atitudes e comportamentos, traz características excessivamente extravagantes e desconcertantes que apontam para um rompimento com a realidade, com prejuízos e comprometimentos nas diferentes áreas da vida da criança. São comumente reconhecidos em crianças nestas condições: episódios de isolamento com retraimento social e psicoafetivo; agitação e reações agressivas; crises severas de angústia; gestos e atitudes inadequadas em diferentes situações; exploração do ambiente por meio do olfato, da ingestão indiscriminada de objetos; transtornos de linguagem com aquisição da mesma tardiamente de forma alterada e incompleta; incapacidade de manter comunicação com outras pessoas; pensamento confuso e desconexo, sem orientação espaço-temporal; tônus muscular alterado com instabilidade e agitação psicomotora (geralmente desconexo do ambiente); perdas cognitivas apesar da capacidade de memorização acima do comum em algumas crianças; manutenção de rituais em situações como dormir, se alimentar, com pouca ou nenhuma tolerância a mudanças; transtornos de sono, como insônia, terrores noturnos, não relato de sonhos; atraso no controle esfinteriano; transtornos de alimentação como anorexia e compulsão alimentar; e a ocorrência de ideias delirantes (geralmente de tipo persecutório) e alucinações de diferentes tipos, mas com prevalência para as alucinações auditivas, comuns aos quadros de esquizofrenias.

Todavia, com a Psicanálise, o reconhecimento da criança se dá, primordialmente, a partir do que se denomina de diagnóstico estrutural, da relação entre linguagem e constituição do sujeito, sendo esses sinais, anteriormente colocados, indicativos da condição da criança no mundo. Não nos interessa a etiologia das psicoses na infância, mas o sujeito nela em constituição, o que somente é possível por meio da e na linguagem, por meio de uma entrada no campo da linguagem, especificamente da fala da criança. É no campo da linguagem que atuamos nos cuidados com crianças em sofrimento psicoafetivo tanto em termos de psicodiagnóstico como de intervenção, o que nos ajuda a delimitar nossas ações em cuidados que objetivam ampliar as possibilidades dessa criança e não atá-la a uma mera descrição sintomatológica imaginária.

A relação entre linguagem e psicodiagnóstico se baseia na compreensão da linguagem como parte dos aspectos clínicos do quadro que requer intervenção. Além de ser pela linguagem verbal que nos chegam a demanda para a avaliação e intervenção, caracterizando as ações não apenas como uma descrição sintomatológica, mas como uma condição humana posta em evidência por diferentes fatores. Fatores esses que precisam ser construídos a partir da linguagem e nela retornar: psicodiagnóstico e tratamento.⁴

³ Cf. D. Marcelli (1998).

⁴ Aqui já apontamos que a psicose na infância se apresenta como um fenômeno de linguagem (e corpo), o que retomaremos na abordagem da psicose pela via construída pela psicanálise freudo-lacaniana.

De acordo com Mazzei (2007), diagnosticar não é uma ação empírica, mas uma construção a partir do que denomina de “língua do diagnóstico”. Construção sustentada no fato de que:

Os acontecimentos psíquicos, antes de obedecer à intencionalidade individual e determinarem-se pelos objetivos pessoais, estão ordenados pelas leis da linguagem e, portanto, são marcados pela arbitrariedade, pela imotivação e pela não-naturalidade na produção da significação e na vinculação aos referentes. (p. 19)

São essas “leis da linguagem” determinantes da subjetividade humana.

Kupfer, ao tratar do diagnóstico diferencial da psicose na infância, aponta que as questões acerca da condição da criança devem ser mesmo dirigidas a ela, na medida em que esse diagnóstico deve “falar” sobre ela, buscar, na medida do possível, reconhecê-la ser no mundo:

Diante dessas questões, alguns autores vêm propondo um reordenamento do campo do diagnóstico. Os eixos não são mais as perguntas pelo orgânico ou pelo psicogênico, e sim a indagação pela posição do sujeito no enodamento do simbólico, do imaginário e do real. A pergunta a ser dirigida à criança, na perspectiva de um diagnóstico a realizar-se na transferência – o que caracteriza o diagnóstico em Psicanálise em oposição ao da Psiquiatria –, será a pergunta por sua posição subjetiva diante do Outro. [...] (2000, s/p).

A fala da criança é uma dessas manifestações e que nos diz sobre ela e, ao nos referirmos à “criança psicótica”, a definição se dá a partir do diagnóstico estrutural. Essa fala nos aponta para as possibilidades das perguntas sobre a “posição subjetiva” da criança diante do outro.

2 A fala da criança psicótica como estrutura de língua e suas implicações nos Estudos Linguísticos

Partimos da noção de língua definida por Ferdinand de Saussure no *Curso Geral de Linguística*.⁵ “[...] um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (1995, p. 18). É esse sistema de relações entre elementos em alteridade que tomamos como marcas de linguagem oral da criança em condição de psicotização: seu funcionamento linguístico-discursivo; ou seja, como os elementos linguísticos vão se combinando e se relacionando, construindo seu sistema, ordenando a estrutura e seus elementos em alteridade. Tentativa nossa de definir fala a partir da teoria saussuriana sobre a língua.

Assumir a fala como estrutura de língua é implicar os Estudos Linguísticos com a questão do sujeito, aqui, do sujeito psicótico. Perspectiva de sujeito não sustentada por Saussure, durante suas aulas, ao separar o sistema de língua do indivíduo. Parafraseando Jacques Lacan, no Seminário *O Sinthoma* (1975-1976), tomar essa estrutura como objeto de estudo, dentro da Linguística, é sustentar o trabalho no *sentimento de um risco*

⁵ 20ª edição do *Curso em Língua Portuguesa*, publicado pela primeira vez em 1916.

*absoluto*⁶ frente a uma língua e a um falante que não são ideais. Considerar o funcionamento inconsciente nessa estrutura é arriscar-se escutar uma ordem outra, subversiva e, por vezes, não linear, sem hierarquia entre seus elementos, sem a ordem dos eixos fundamentais da língua; ou mesmo, constituída de regularidades e ordenada, mas que nos parece não constituir um sistema, pois não demanda o outro, não estabelecendo uma relação com esse outro, *a priori*.

A infância é o momento em que o pequeno ser, em estado *infans* – ser que não fala – passa a ser falante, sujeito de linguagem: a criança. Nessa “passagem”, condições psicopatológicas acontecem e é na língua que se concretizam. Importante a indagação de Novaes (2005) sobre os dizeres nas psicoses e sua incidência nos estudos sobre a língua:

Como então falar de patologia ou normalidade quando nosso objeto de investigação, enquanto linguistas, são as atualizações possíveis da língua em forma de linguagem? O patológico corresponderia ao material possível e não linguisticamente julgado? O que o linguista não pode descrever se inscreve obrigatoriamente na ordem da patologia? (p. 129).

É importante, de acordo com essa autora, considerar que a língua não é apenas uma ordem possível, mas há, nessa estrutura, uma ordem do impossível:⁷

[...] aquilo que se apresenta a ele [o linguista] como estranho [...] ou como enigma, pode ser um jeito de evitar o mal-estar diante de um **real** indistinto, disperso, que contorna as formas materiais, porém não-descritíveis. (NOVAES, 2005, p. 139 – Grifo da autora)

Considerar a possibilidade de se haver com esse mal-estar – efeito de língua da criança psicótica – é trabalhar a favor do reconhecimento mesmo dessa estrutura e da possibilidade de sua leitura e de uma escuta da fala.

Em acordo com De Lemos (2002), ao tomarmos a fala como objeto de estudo, a abordamos como um *enigma* e não como um *corpus* empírico a ser descrito e sistematizado sem estabelecimento de uma relação dialógica com a criança. Cabe ao linguista *escutar* a fala da criança, segundo a autora. *Escuta* que não tem por objetivo apenas a descrição de uma estrutura, mas que incide sobre o modo como a língua da criança funciona para produzir fala, sua singularidade e como ela está engendrada em um sistema, sendo efeito disso.

A possibilidade de estudo dessa fala, que nos coloca frente a não evidência e ao imprevisível do funcionamento linguístico, só é possível se sustentamos: “[...] a teoria do valor, o conceito de sistema como sistema de relações – e não de unidades – regidas pela pura diferença. [...]” (DE LEMOS, 2002, p. 51). É nessas relações de elementos em

⁶ “Se as análises fossem levadas tão a sério quanto me dedico a preparar meu Seminário, isso, sim, seria muito melhor, e certamente elas dariam melhores resultados. Para tanto, seria necessário que tivéssemos na análise – como eu, mas é da ordem do sentimental de que falava outro dia – o sentimento de um risco absoluto.” (LACAN, 2007, p. 44 – Grifo nosso)

⁷ Para Milner (1987), o *real* da língua que o linguista, em trabalho, não deve negar e não deve se negar.

alteridade que se vislumbra a possibilidade da criança psicótica se mover de sua posição de alienação, dentro desse sistema. Possibilidade que se mantém no reconhecimento de um funcionamento linguístico-discursivo dessa fala, um funcionamento que move esse sujeito, possibilitando saídas estruturais à posição de alienação da criança psicótica na busca por um outro constitutivo.

Assim, trabalhamos com a fala da criança psicótica como um sistema de relações entre elementos em alteridade – uma ordem própria constitutiva e seu funcionamento – que nos coloca frente à questão da subjetividade e da linguagem, especificamente no que concerne à infância psicotizada.

Essa questão nos demanda um estudo da língua e sua manifestação oral e verbal (a fala) e as implicações da psicanálise freudo-lacanianiana sobre esses estudos. Em que o estudo do funcionamento linguístico-discursivo da fala da criança psicótica incide sobre o processo de estruturação do sujeito e em que a hipótese do inconsciente freudo-laciano incide sobre os estudos da linguagem? São questões que estão sustentadas no fato de que o sujeito se constitui na linguagem a partir de sua entrada no campo da linguagem – no campo do Outro.

Ao abordarmos a fala da criança psicótica é importante considerar outros saberes no processo de sua análise e compreensão. Estudos anteriores acerca da fala de crianças, sua aquisição e suas patologias, iniciados por Cláudia Thereza Guimarães de Lemos⁸ (UNICAMP), nos anos de 1970, trouxeram para a Linguística a possibilidade de reconhecimento de outra estruturação de língua que não é inata e cuja significação não é dada *a priori*.

Importante ressaltar que, ao considerarmos uma ordem outra para um sistema de fala e que esta nos coloca frente à relação língua e sujeito, qualquer questão daí decorrente deve se caracterizar em estudo interdisciplinar. Aqui, explicitamente, o outro saber em relação à Linguística é a psicanálise freudo-lacanianiana e seus conceitos fundamentais de inconsciente, registros psíquicos de imaginário, simbólico e real, sujeito, entre outros concernentes ao campo da infância e da psicose. É o diálogo entre esses saberes que fundamenta o reconhecimento do funcionamento linguístico-discursivo da fala da criança psicótica e a possibilidade de que suas marcas linguísticas possam ser utilizadas na intervenção clínica como saídas estruturais à posição de objeto da criança psicótica e o reconhecimento desse sujeito.

Fundamentalmente, tomamos a fala como um “ato linguístico”, de acordo com Leite: “[...] gesto da demanda ao outro como célula mínima que caracteriza um ato linguístico, na medida em que particulariza qualquer produção humana que necessariamente supõe a dimensão de um Outro a quem se dirige [...]” (2003, p. 506). Essa fala que nos é dirigida em nossa atuação com essas crianças, na clínica em saúde mental da infância, nos demanda não meramente respostas, mas questões acerca desse “ato linguístico”. Ela nos coloca frente ao *não-saber* e à impossibilidade de respostas imediatas, a uma ordem de língua outra e que vai sempre a um direcionamento outro.

Esse “ato linguístico” é definição da fala da criança psicótica a quem direcionamos nossa escuta. Nosso dado linguístico não é tomado à mercê da criança, ou seja, do falante. Ao se considerar a língua como constitutiva do sujeito, nosso *corpus*

⁸ Os estudos de Cláudia Thereza Guimarães de Lemos têm como temática básica a Aquisição de Linguagem. Nosso trabalho não se insere nessa temática. No entanto, é imprescindível o desenvolvimento teórico e metodológico alcançado para a compreensão da relação inconsciente, constituição do sujeito e linguagem, especificamente no campo da infância.

não é um enunciado isolado, uma sentença de língua recortada e separada do ser que faz esse sistema funcionar: é a criança psicótica e tudo o que isso possa ter de implicação nos estudos da linguagem. Importante ressaltar que na psicose na infância fala não é um sintoma, no sentido de algo que aponta para uma patologia, para um sujeito em adoecimento: ela é esse sujeito, é a estrutura exposta aos nossos olhos.

A criança psicótica é ser de/na linguagem e ao fazer a língua funcionar se apresenta como um ‘falante não ideal’, em contraponto ao ‘falante ideal’ de Chomsky, de quem é possível descrever uma gramática, uma regra de funcionamento internalizada e universalizada. A partir do exposto por De Lemos (2003), acerca do *corpus* e corpo em linguagem, essa criança não é a criança, mas *uma* criança: “Uma criança e não a criança, uma criança que fala [...]” (p. 28). Uma criança psicótica que fala não é um falante ideal dada que a ordem da psicose é a da subversão, do não-ideal. Todavia, nessa ordem de ser, no mundo, há um funcionamento lógico – outro – mas lógico, na medida em que pretendemos sustentar um sistema de relações entre os elementos linguísticos que integram, em alteridade, esse sistema. Relações não internalizadas e nem universalizadas, mas constituídas na relação com o outro no campo da linguagem e singulares, enunciado único de cada criança, cujas palavras vão se sucedendo com ou sem ordem e regularidades.

Ao abordarmos um *corpus* constituído pela fala de uma criança psicótica, partimos das orientações da autora supracitada ao responder à questão “Por que corpo e linguagem?”:

[...] a forma latina *corpus*, com seu plural *corpora* persiste, servindo para designar um conjunto de dados de fala – fala de criança – colhidos e transcritos. Ou melhor, para designar o conjunto de gravações e transcrições que servem de referência para a expressão “fala da criança”, enfim, do que sobrou dessa fala escoada pelos ouvidos da máquina e do investigador. (DE LEMOS, 2003, p. 21).

É essa *sobra*⁹ de elementos em alteridade que investigamos. *Sobras* que nos apresentam um ser em pleno momento de estruturação e que nos apontam tanto para o ponto em que o sistema se desorganiza como para a possibilidade de saídas em seu funcionamento. Abordar essas saídas somente é possível após o reconhecimento da fala e da criança. Processo que é um só: reconhecer e escutar uma fala é reconhecer e escutar uma criança. É o linguista investigador assumindo seu lugar daquele a quem a fala inesperada da criança é direcionada. Essa fala não será apenas descrita, ela será desfeita, terá sua estrutura desmontada (e remontada) para que possamos chegar ao corpo que fala e que no funcionamento da língua é um *gozo*: intensidade da relação corpo e linguagem – relação de prazer e dor –, como um êxtase cuja saída deve ser na língua, pois na psicose na infância nos parece que a língua ‘pulsa’ no corpo da criança, causando uma dor de afetos, uma angústia incessante por não fazer girar esse eixo de fala. No entanto, evidencia-se uma sobrevivência que é possível devido às repetições, desarticulações, dissociações verbais e regularidades dessa fala.

Analisar e compreender uma criança psicótica que fala – um corpo que fala – não é apenas descrevê-la, é fazer o movimento de Jacques Lacan, apresentado por De

⁹ *Sobra* como o que se constitui na relação da criança com o outro; um *resto* de simbólico que tenta dar conta do real, daquilo que insiste e retorna nas *sobras*.

Lemos: “[...] A direção do movimento de Lacan é ir desfazendo signos, fazendo-os significantes, até chegar, pela onomatopeia, aproximar-se do gozo do corpo que fala [...]” (2003, p. 02). É desvelar e revelar a criança atada em uma estruturação psicótica: é desatá-la desses nós de significantes, possibilitando que ela saia desse ponto nodal, nesse ponto da psicose, fora do discurso e que não faz laço social.

3 A psicose como uma questão ao linguista

A psicose deve ser tomada pelo linguista – assim como o é pelo clínico – como uma questão, a partir da interface com a Psicanálise: o fenômeno empírico é tomado como uma das possibilidades do ser no mundo. A sintomatologia, desorganização, delírios, alucinações, agitação, perdas cognitivas e sociais, etc., não são considerados o fenômeno psicótico em si, mas constitutivos de um sujeito em sofrimento psíquico que demanda cuidado: demanda reposta à sua existência.

Dentro dos estudos aos quais o sujeito impõe uma resposta, a Psicanálise parte do reconhecimento do sujeito em sofrimento: qual é a possibilidade de esse ser existir, a partir dele mesmo. O ‘saber’ sobre esse sujeito pertence a ele e um dos meios de acesso é pela palavra. Ao tornarmos a fala da criança psicótica uma questão, é nela mesma que estão as respostas, suas saídas subjetivas, na língua.

Na psicose é possível reconhecer esse sujeito na própria sintomatologia: a fala psicótica apresenta marcas estruturais que nos apontam para sua posição no mundo, para o modo possível a ele de existir, de ser. Posição que nos orienta nas ações e estratégias psicossociais de intervenção em seu sofrimento.

Partimos da definição de psicose como “uma ordem do sujeito”.¹⁰ Ordem (constituição subjetiva) que é: “Uma ordem decerto subvertida em relação ao que é a ordem do sujeito neurótico, mas, ainda assim, uma ordem” (SOLER, 2007, p. 12). Essa “ordem subvertida” se caracteriza por um desarranjo constitucional nas três dimensões psíquicas do sujeito, onde é possível acompanhar, na psicose, fenômenos do campo do imaginário, do simbólico e do real:¹¹ respectivamente, fenômenos perceptivos e pré e não-verbais (alucinações), fenômenos de linguagem (como delírios) e fenômenos da ordem do despedaçamento psíquico, do próprio corpo, do não-limite na separação do sujeito adoecido com aquilo que não é parte de si.

O cuidado e intervenção clínica, na condição humana psicotizada, incide – necessariamente – sobre essas três dimensões, na medida em que: primeiro, o desarranjo psíquico, na psicose, parece ser a ordem que prevalece nos três registros (considerando momentos de estabilização) e, segundo, não se acolhe um ser em sofrimento considerando-o apenas em um ou outro plano, mas em sua condição integral. Não “tratar” partes do adoecimento é resultante de nossa perspectiva da loucura como uma ordem do ser no mundo. Seu contrário seria considerá-la, apenas, um fenômeno orgânico, o que resultaria em uma intervenção apenas no aspecto do sintoma.

Nosso interesse incide sobre os fenômenos de linguagem, na psicose, sobre o que a criança e o modo como sua língua funciona nos diz dela mesma: marcas e traços de linguagem verbal oral que Jacques Lacan (1998) denomina de “envelope formal do

¹⁰ Cf. Lacan (1998).

¹¹ Noções da psicanálise de Jacques Lacan que, partindo da noção de inconsciente estruturado como uma linguagem e – posteriormente da ordem do discurso –, o psiquismo humano se constitui em três dimensões de registro: imaginário, simbólico e real, estabelecidas durante a estruturação edipiana, em seu tempo lógico.

sintoma”, decorrendo daí a importância dos fatos de linguagem no diagnóstico clínico e na intervenção clínica da psicose. Aqui, é importante considerar que o conhecimento do linguista acerca do funcionamento da língua é base deste trabalho e há uma equivalência entre a expressão “fenômenos de linguagem” e “ato linguístico”, abordado anteriormente, possível pela articulação Psicanálise e Linguística.

Os fenômenos de linguagem fazem parte do que Lacan (1998) identifica como “fenômenos elementares” em toda psicose: alucinações auditivas e visuais, interpretações delirantes, afrouxamento dos elos associativos, alterações diversas na linguagem (fenômenos de linguagem) e, acrescentamos, com base no próprio Lacan, perplexidade semântica e a impossibilidade de fazer “laço social”, de estar dentro do discurso.

Em *Formulações sobre a causalidade psíquica*, texto de 1946 (LACAN, 1998), esse autor aborda a psicose como uma “falha” na estruturação do sujeito (estruturação da/na linguagem): o modo como o sujeito é inserido na estrutura (campo do simbólico) – a partir da relação com seus pares – determina a forma de organização de seu psiquismo. Na psicose se funda uma organização outra, invertida e subvertida. Importante, ainda nesse texto supracitado, é que a loucura é parte do campo da fala e da linguagem, cujo problema é o da significação. Como o é para todo ser, apenas em uma ordem outra.

No Seminário III, *As psicoses*, originalmente de 1955-1956, é possível vislumbrar a relação linguagem e psicose: o sujeito psicótico permanece em um estado de perplexidade diante da ordem simbólica no mundo, não se reconhecendo nesse mundo. Podemos inferir, frente à pertinência ao nosso trabalho, que o ser psicotizado não reconhece suas palavras (e nem sente suas palavras reconhecidas), não havendo uma significação que o ordene.

Muitos são os fenômenos de linguagem abordados nesse *Seminário* e no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, de 1957 e 1958 (LACAN, 1998), como tentativas de reorganizar a estrutura psíquica do sujeito: reorganização discursiva; desordem radical na sintaxe da língua; distúrbios de conexão (frases cortadas no ponto em que surgiria a significação); mensagens interrompidas ou sobre códigos difíceis de decifrar; distúrbio de associações (os sujeitos não compreendem as falas que lhes são direcionadas e nem seu próprio pensamento, sendo incapazes de “juntar” ideias e palavras); e a holófrase (junção de várias palavras). Muitos outros fenômenos de linguagem oral também podem ser identificados como os neologismos, verborragia, ecolalia, fala sem diferenciação do “você” e do “eu”, colóquios e sequências de fala incompreensíveis, entre outros. São esses fenômenos, pertencentes à fala do psicótico, nosso interesse, pois somente é possível atuar nessa estrutura após seu reconhecimento.

4 A psicose não decidida na infância

Nosso trabalho tem como foco a criança psicotizada, que, por se caracterizar como um ser em estruturação, apresenta uma “ordem” no mundo singular e seja qual for essa ordenação, subvertida ou não, ainda não está pronta. Consideramos infância como um tempo lógico do ser em constituição, de acordo com a Psicanálise. Dessa maneira, não é possível simplesmente transportar as descrições e compreensões dos fenômenos de linguagem da psicose do adulto para a psicose da criança, assim como os cuidados com essa criança não são tecnicamente os mesmos dispensados aos adultos. A

compreensão do que vem a ser o fenômeno psicótico e sua constituição é a mesma. Mas sua ocorrência, manifestação e funcionamento não podem ser considerados semelhantes devido à especificidade psíquica da criança: ser sem estrutura definida.

De acordo com Jacques Lacan no *Seminário III* (1955-1956), a psicose não ocorre na criança do mesmo jeito como ocorre no adulto. Isso porque a estruturação do sujeito ainda percorre um tempo lógico da ordem do não estático. Ou seja, na infância não há estruturação psíquica definitiva. Então, não podemos considerar as ocorrências dos fenômenos de linguagem similares na psicose da infância e na psicose do adulto, na medida em que existem especificidades do sujeito enquanto criança, como já abordado. E é nesse processo que por vezes temos desarranjos e desajustes que colocam a criança em uma posição de não-ser. Em termos de desenvolvimento infantil há uma “parada” nesse processo, um rompimento com o encadeamento da vida da criança: é a ordem subvertida pela psicose. Assim, alguns autores sustentam a expressão “psicoses não decididas” para a condição da infância psicotizada.

Essa expressão “psicoses não decididas” foi, inicialmente, cunhada por Alfredo Jerusalinsky (1993), fazendo frente a uma nomenclatura diagnóstica que poderia “fechar” as possibilidades de se construir saídas estruturais para a criança psicótica. É uma expressão que se sustenta em uma perspectiva de reconhecimento do sujeito, dentro de um diagnóstico estrutural. A infância se caracteriza por ser um “estado provisório”, cuja estruturação psíquica é decidida, segundo esse autor, posteriormente: uma estruturação psíquica, na infância, está em construção. O sujeito criança está sempre por decidir qual sua posição e ordenação no mundo, por se constituir.

Bernardino (2004) amplia o entendimento acerca dessa expressão, justificando a noção de uma estrutura psíquica como não decidida na infância a partir de um posicionamento clínico psicanalítico.

Teoricamente devemos compreender, a partir de Lacan e Freud, a infância como o tempo lógico das inscrições e confirmações das inscrições advindas do Outro social, do campo da linguagem. O inconsciente é estruturado como uma linguagem; essa estrutura advém das palavras; e a significação dessas palavras não é pontual:

[...] a inscrição fundamental de que se trata – do Nome-do-pai como instância representativa da falta estrutural do campo simbólico – não se faz de uma vez. São necessários os tempos de inscrição, apagamento e interpretação, responsáveis pela inscrição dos significantes primordiais [...]. (BERNARDINO, 2006, s/p).

Essa inscrição advém do Outro encarnado pelas pessoas que podem promover à criança o acesso ao sentido mesmo do que se inscreve. Esse “tempo” de significação vai até o final da adolescência.

Clinicamente, a questão diz respeito, conforme a autora supracitada, à posição do clínico frente à condição da criança:

Sustentar um diagnóstico de psicose na infância pressupõe imprimir à direção do tratamento condições contrárias às necessárias para o surgimento de um sujeito, quais sejam: a antecipação subjetiva, a aposta do analista nas possibilidades desejantes de seu analisante. Sem esta aposta, sem esta colocação em ato do desejo do analista de que ali possa surgir um sujeito, não haverá análise possível. (BERNARDINO, 2006, s/p.)

Essa é, também, a posição do linguista frente à questão da fala da criança psicótica. Ou seja, sem a aposta do linguista na subjetividade e no desejo do falante (e no seu próprio desejo) não é possível fazer funcionar essa estrutura; não é possível chegar a esse funcionamento de língua vislumbrando a possibilidade de que essa fala nos aponte para mais além de uma língua, para a falta primordial desse sujeito, seu *sinthoma*:¹² a *lalangue* de uma criança e não qualquer língua, qualquer estrutura.

A escuta do linguista também deve acompanhar o tempo lógico dessa fala, da constituição do sujeito. No reconhecimento de seu funcionamento linguístico-discursivo há que se inscrever o desejo de um outro, há que se promover sua significação: reconhecer é ver e descrever essa estrutura em um instante primeiro; na sequência, o tempo de compreendê-la, de analisar esse sistema e sua relação com a psicodinâmica da criança e, por fim, o momento em que é possível retornar à criança uma ordenação e significação outra, onde concluir é passar a outra posição, nessa estrutura, conforme a psicanálise freudo-laciana nos orienta.

5 Uma *sobra* de fala que nos incomodou

Os fragmentos de fala que se seguem pertencem a um menino de 10 anos, com psicodiagnóstico de esquizofrenia infantil, fora de discurso, trazido até nós pela mãe (também falado por ela) em surto psicótico: delírios persecutórios, incapacidade de sustentar vínculos, extrema confusão mental.¹³ No primeiro contato escutamos uma fala repetitiva e sempre em forma de perguntas girando em torno de temas como a morte, sangue, machucar, caracterizando um fenômeno de linguagem denominado de perseveração cuja temática eram perigos iminentes, pavor, terror, perpetuando um desencadeamento de construções delirantes acompanhadas por alucinações visuais: *O chão vai abrir? Se abri pra onde a gente vai? Aqui tem céu? O buraco vai ser grande?* Essa perseveração na fala nos remete, dada sua insistência – aquilo que insiste – à singularidade e a uma regularidade linguística, a um funcionamento de fala característico desse menino.

Aos primeiros contatos, qualquer tentativa de responder às questões que eram direcionadas a quem se aproximava dele era frustrante: nossas respostas não chegavam até ele; ele não nos escutava e nossas palavras não conseguiam entrar em sua cadeia de fala sem abertura para o outro e que não fazia borda à sua angústia. Foi essa angústia, diante dessa fala, que nos alertou para seu funcionamento de língua: estrutura de pergunta onde não cabem respostas. Até então, a possibilidade era apenas aguentar essa avalanche de perguntas e suportar a angústia de *não saber* as respostas.

Sabemos que a fala constitui tentativas desesperadas de sobrevivência do sujeito. Tentativas extravagantes e desconcertantes onde o funcionamento linguístico-discursivo da fala é a saída estrutural à sua posição de objeto: quanto mais alienada e fora do discurso essa posição, mais alienada e fora do discurso são essas tentativas de sobrevivência da criança.

¹² Cf. Lacan, 2007.

¹³ Como nosso objetivo, neste texto, não é proceder a uma análise clínica da criança, não abordaremos questões concernentes à sua psicodinâmica.

- (02) *Assistindo a um desenho do Pica-Pau falando com uma galinha*
Anderson: O pica-pau morde?
P.:¹⁴ Ele bica porque tem bico.
Anderson: A galinha morre?
P.: Onde? No desenho ou aqui, de verdade?
Anderson: Tem pica-pau de verdade?
P.: Tem sim.
Anderson: Ele é parecido com esse? (o do desenho apontando)
P.: É sim.
Anderson: E as cores?
P.: Tem as mesmas cores: vermelho e azul. Ele mora lá na mata.
Anderson: Lá na floresta tem o quê?
P.: Tem árvores, animais, rio.
Anderson: Tem árvore?
P.: Tem.
Anderson: A árvore é igual a essa? (aponta para uma jabuticabeira no quintal do vizinho)
P.: É dessa cor.
Anderson: O pica-pau morde a galinha?
(diálogo se encerra com a chegada de outra criança)

Nesse breve diálogo a criança termina sua participação como começou: *O pica-pau morde?* Apontando para o fato de que ela está presa em algum ponto de sua estrutura, enodada na questão sobre si mesma.

A cadeia de fala é incessante, com estruturas sintáticas adequadas e descritíveis, entonação de interrogação e pontuação adequadas, mas sem entrada do outro, mantendo a regularidade estrutural e há substituição de termos: pica-pau, galinha, árvores. Questões sobre esses nomes. Questões sobre nomeações, sobre sua nomeação. Ou seja, a uma primeira escuta ele parece querer mesmo saber se, por exemplo, *o pica-pau morde a galinha*. Mas, após uma conduta óbvia diante de uma pergunta – a resposta do interlocutor – percebemos que não é isso que ele quer saber. Não adianta responder que o pica-pau morde galinhas. Uma pergunta espera uma resposta que não é óbvia e que, provavelmente, não cabe no campo semântico das palavras que nos chegam. Como escutar? Como trocar significantes? Significar o que é dito? Perguntas que nos surgiram e que, até então, foram suportadas por:

1º: conseguir acompanhar essa cadeia pela escuta. O que significa suportar a angústia – o que essa criança não consegue, por isso ela fala e fala desse modo.

2º: suportada a angústia, é acolher e remontar essa cadeia: devolver à criança esses/os mesmos significantes usados por ela, mas usados por um outro falante – devolução que não é *desencadeada*, mas *encadeada*. Assim a criança atenta para o fato de que há um outro compartilhando com ele essa angústia, pela palavra. A tentativa de sobrevivência passa a ser sobrevivência, por isso ela continuará falando.

Essas regularidades nos apontam para uma organização de fala, cuja relação entre os elementos constitui um sistema de língua, onde não é possível pelo reconhecimento da alteridade e da diferença entre eles estabelecer uma significação. Quando o menino nos remete uma questão evidencia-se seu abismo simbólico, sua

¹⁴ Psicóloga e linguista, autora deste texto, em diálogo com a criança durante rotina clínica.

dificuldade em associar as palavras e associar-se ao mundo, ao outro. Também, como não há metaenunciação em seu funcionamento-linguístico, não nos cabe perguntar-lhe o que ele quer dizer com isto ou aquilo.

Esse menino é uma questão aberta que, ao nos direcionar interrogações intermináveis, nos remete à sua própria angústia: responder sobre si. Pois é essa resposta que lhe possibilitará sair dessa posição de objeto, de alienação e de loucura. Cabe-nos, então, apostar nos significantes, apostar na capacidade do sujeito de constituir-se na língua. E nós, como possível outro no universo dessa criança, oferecer-lhe significantes primordiais que podemos capturar em sua própria fala.

Atualmente, acolhendo e remontando essas falas, o menino suporta mais estar na presença de um outro, seu funcionamento de fala é um pouco menos incessante, porém se mantém a regularidade referida – marca de sua singularidade – sendo possível vislumbrar indícios de uma entrada de um outro nessa cadeia. Ele, por exemplo, já consegue permanecer em alguma atividade enquanto fala, e continua falando muito, o que é extremamente saudável e possibilitador de intervenção e ajuda à criança. Intervenção e cuidados oferecidos a partir do reconhecimento da ‘língua’ dessa criança, de sua fala como estrutura e que tem um funcionamento que coloca o linguista frente ao improvável, a uma ordem que nos demanda uma escuta.

Acolher, nos Estudos da Linguagem, essa ordem outra é sustentar a subjetividade na língua, a diferença, a alteridade, a heterogeneidade: o humano na língua.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDINO, L. M. F. *As psicoses não decididas da infância: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 155 p.

_____. A intervenção psicanalítica nas psicoses não decididas na infância. In: COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5, 2006, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100004&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 30 de jun. 2008.

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 42, p. 41-69, jan/jun. 2002.

_____. Corpo & Corpus. In: LEITE, N. V. de A. (Org.). *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 21-29.

JERUSALINSKY, A. Psicose e autismo na infância: uma questão de linguagem (Entrevista com Alfredo Jerusalinsky). *APPOA - Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 9, p. 62-73, 1993.

KUPFER, M. C. M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. *Psicol. USP* [online], v. 11, n. 1, p. 85-105, 2000. [citado 2008-06-26]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-6564. doi: 10.1590/S0103-65642000000100006. Acesso em: 26 de jun. de 2008.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957/1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 537-590.

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.152 – 196.

_____. *O Seminário*, Livro 23: O Sinthoma, 1975-1976. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. 249 p.

LEITE, N. V. de A. A Linguística e outros saberes. In: ALBANO, Eleonora et al. (Orgs.). *Saudades da língua: a Linguística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 505-513.

MARCELLI, D. *Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra*. 5. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 410 p.

MAZZAI, D. A língua do diagnóstico. *Revista Língua portuguesa*. Especial Psicanálise e Linguagem, São Paulo, Editora Segmento, p. 16-19, maio de 2007.

MILNER, J.C. *O amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 182 p.

NOVAES, M. As múltiplas ressonâncias linguísticas dos dizeres nas psicoses. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 47, n. 1 e n. 2, p. 129-141, 2005.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística geral*. Organizado por Charles Baley e Albert Sechehaye. Tradução de A. Chelini, J.P. Paes e I. Blikstein. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. 279 p.

SOLER, C. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007. 261 p.